



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS LEITORES DIANTE DA TRANSIÇÃO DO SUPORTE DE LEITURA IMPRESSO PARA O DIGITAL

Alessandra Oliveira Ferreira, (Graduanda em Pedagogia - UEPA)

RESUMO: O presente artigo analisa a partir dos questionamentos suscitados por diversos autores, algumas características da leitura digital, os efeitos que ela provoca nos nossos modos de ler, e o papel dos professores neste contexto, afim de contribuir para a formação dos leitores e oferecer subsídios para estudos posteriores. É notório a intensidade com que os alunos estão trocando a leitura impressa pela leitura digital, mas que ainda assim, acredita-se que o impresso não irá se extinguir, pois o mesmo possui quesitos singulares. A escola e os professores têm a missão de reconhecer esse processo de transição, identificar os prós e contras de cada suporte, e se adequar aos novos formatos, sabendo como tratar deste assunto, principalmente em sala de aula.

Palavras-chave: Suportes. Leitura. Impresso. Digital. Educação.

1 INTRODUÇÃO

As Novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) estão provocando alterações nos nossos modos de ler, pois, aos poucos, estamos nos acostumando a procurar mais informações nos livros em formato de PDF, de e-books, de power point, do que nos livros de papel.

As NTICs surgiram para fazer a nossa sociedade evoluir, e o digital emergiu desse contexto, nos proporcionando comodidade, conforto, velocidade nos intercâmbios de informação, acesso democrático ao conhecimento, etc. O digital é amplamente utilizado pelas pessoas justamente por oferecer uma série de características que se encaixam perfeitamente no modo de vida contemporâneo.

Entretanto, estudiosos da história da leitura têm chamado a atenção para efeitos que o digital provoca ao hábito da leitura, muitos deles, negativos. Dentre os autores citados neste artigo, destaca-se Roger Chartier, autor da obra “A Aventura do livro: do leitor ao navegador”.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

O presente artigo visa analisar a partir dos questionamentos suscitados por diversos autores, algumas características da leitura digital, os efeitos que ela provoca nos nossos modos de ler e o papel da escola e dos professores neste contexto, afim de contribuir para a formação dos leitores e oferecer subsídios para estudos posteriores.

2 METODOLOGIA

No primeiro momento buscou-se identificar os diferentes suportes e as práticas de leitura do passado, para que assim pudéssemos compreender os diferentes hábitos de leitura de cada época, inclusive a atual. Por conseguinte, no segundo momento, analisou-se os supostos efeitos que a leitura digital acarreta no hábito da leitura. No terceiro e último momento, fez-se alusão a estratégias pedagógicas que os professores precisam adotar diante do uso indiscriminado da leitura digital.

Para atender às expectativas deste artigo, objetivou-se analisar trabalhos científicos, incluindo livros, artigos, matérias de jornais e revistas, concernentes a história e evolução dos suportes de leitura, resgatando as grandes transformações ocorridas ao longo do tempo, tanto nos suportes quanto também nos modos de ler das pessoas de cada cultura abordada, que abrange desde a cultura do papiro até a mais recente delas: a cultura do pós-papel.

3 BREVE HISTÓRIA DO LIVRO

Diversos tipos de materiais foram utilizados para a escrita no mundo antigo: tábuas de argila, pedra, osso, madeira, couro, metais diversos, fragmentos de cerâmica (ostraca), papiro e pergaminho. No entanto, de todos esses materiais, os mais eficazes para a feitura de documentos que pudessem ser manuseados e transportados até o leitor/ouvinte foram, num primeiro momento, as tábuas de argila e depois o rolo de papiro e o rolo de pergaminho (MARTINS, 2002).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

Os mais velhos papiros datam de 3500 antes de cristo, e os mais antigos documentos em pergaminho, que ainda existem, datam do III século de nossa era (MARTINS, 2002).

No mundo greco-romano, as obras literárias eram publicadas na forma de rolos de papiro ou pergaminho. Para formar um rolo, eram coladas folhas uma do lado da outra no sentido, formando uma tira longa que ficava presa a um bastão, e em torno dele ela era enrolada, criando o chamado “volumen”. O rolo literário grego muito raramente passava dos dez metros de comprimento, pois a grandeza excessiva atrapalhava o manuseio para a leitura (BEZERRA, 2006).

No final do primeiro ou meados do segundo século da era cristã, surge uma nova forma de livro: o códice (codéx) de pergaminho. Semelhante aos livros que conhecemos hoje, o códice consistia na encadernação de folhas dobradas ao meio e costuradas uma sobreposta à outra. O códice apresentava evidentes vantagens sobre o rolo, cuja leitura, como também era uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não possibilitava que quem estivesse lendo pudesse escrever ao mesmo tempo, ao passo que o códice, manuscrito ou impresso, viabilizou gestos inéditos como folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índice e favoreceu uma leitura em várias partes pequenas mas sempre era percebido a totalidade da obra, identificada por sua materialidade (BEZERRA, 2006)

Ainda de acordo com Bezerra (2006), a forma física do suporte de leitura contém uma relação isntigante entre a oralidade e a escrita, pois com o rolo o leitor possui uma ligação íntima entre o seu desenrolar do rolo e a sua fala linear, já o códice permite ao leitor a indexação, a paginação e a livre movimentação por diferentes lugares no texto.

Por este motivo, para autores como Morrison (1995), essa passagem do rolo ao códice de pergaminho, tem importância fundamental na história do livro e do próprio comportamento humano.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Nesse contexto, o livro como fonte de publicação e repasse de conhecimento adquiriu grande relevância, pois preservava e disseminava a cultura. Entretanto, como frisa Bezerra (2006), até o século XV a reprodução do conhecimento era essencialmente feita por meio da tradição manuscrita dos livros e escritos em geral, nessa situação, um texto para ser bastante divulgado precisava necessariamente ser um texto copiado manualmente repetidas vezes, sujeitado aos riscos inerentes ao processo. Alterações de diversos tipos, que poderiam ser voluntárias ou involuntárias, ocorriam no texto.

Anos mais tarde, ainda no século XV, um acontecimento que constitui um inegável marco na própria história da humanidade é o aperfeiçoamento e a crescente popularização, no ocidente, da imprensa de tipos móveis por um ourives alemão conhecido como Johannes Gutenberg (1398-1468). Ele ganhou fama por ser o inventor da tipografia, cabendo-lhe o mérito de ser o primeiro, pelo menos no Ocidente, a utilizar tipos móveis (BEZERRA, 2006).

4 RESULTADOS

Percebe-se por meio da história dos suportes de leitura e escrita, que da cultura impressa para a digital, há uma transformação na técnica de produção e reprodução de textos e no suporte deles, como não ocorre há mais de mil anos. A forma física que o texto assume em um papiro de 3000 anos antes de Cristo ou em uma página de papel a qual estamos acostumados, não é em essência diferente. Nos dois casos os suportes tem algo em comum: trata-se de tinta sobre uma superfície flexível, o que torna a transição da escrita impressa para a digital, a mais radical evolução desde os primórdios da criação da escrita.

O livro eletrônico oferece uma experiência visual e tátil totalmente diferente. É um outro suporte. Havia mais de cinco séculos, desde os tipos móveis de Gutenberg que o livro não recebia intervenção tecnológica tão considerável quanto está recebendo agora na era do pós-papel (PRETY, 2012). Depois do papiro e do pergaminho, transmissão de conhecimento no papel era tudo o que tínhamos até o surgimento do



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

digital nos dias atuais. Lentamente, escrita e leitura passaram a se dar através de telas de vidro – mais propriamente de cristal líquido, de diodos emissores de luz. Na década de 90 começaram a surgir livros para leitura em computador, notebook e até mesmo em palmtop.

A leitura digital surge como consequência do avanço das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTICs) que têm exercido um papel transformador na sociedade moderna, contribuindo de forma significativa para a evolução dos suportes de informação, originando a internet.

É um tipo de leitura que está em processo acelerado de aceitação como uma prática extremamente indispensável, haja vista que por ter uma natureza imaterial, permite que seu conteúdo seja acessado em qualquer momento dia e em toda parte do planeta, por mais de um leitor simultaneamente. “É um contato com o mundo virtual rápido, prático e liberal que abarca cada vez mais navegadores” (MORAES; ARENA, 2012, p. 6).

Analisando a evolução dos suportes, podemos observar que cada um deles acarretou mudanças na cultura do uso da leitura da época em que emergiram. Por exemplo, na argila não era possível se escrever textos longos; já com a página isso tornou-se viável, favorecendo o manuseio, a retomada de textos, bem como a releitura. Com a invenção da imprensa por Gutenberg ocorreu um aumento do público leitor, e com o aperfeiçoamento das técnicas de imprimir houve um incremento das produções científicas e literárias em decorrência da rapidez de impressão e circulação das informações. A leitura, mesmo depois do surgimento da imprensa, ainda era marcada pela oralidade, com a fala em voz alta. Aos poucos isso foi mudando, pois como os livros impressos apresentavam um formato menor do que os manuscritos, era possível que estes livros fossem deslocados para vários locais, proporcionando uma leitura individual, em silêncio (MENDES, 2008).

Já a leitura na tela possibilita ao leitor a liberdade em editar e distribuir imediatamente os textos que se apropria.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Logo, percebemos que os suportes provocaram alterações nas maneiras de ler de cada época. Chartier (1999) faz uma reflexão que traduz bem este fenômeno:

Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (p.77).

4.1 CARACTERÍSTICAS DO DIGITAL E SEUS EFEITOS NO HÁBITO DA LEITURA

Nós ainda não estamos adaptados à leitura na tela, é o que mostra o estudo de Moraes e Arena (2012). Os dados investigados pelas autoras apontam que as pessoas ainda não se apropriaram totalmente da leitura digital. Atualmente, muitos livros, apostilas e artigos, estão disponíveis no formato digital e isso facilitou o acesso a tais materiais, entretanto, a leitura impressa ainda é a preferida.

Tudo o que é novo provoca certo desconforto, e se tratando de mudanças tecnológicas que alteram, inclusive os suportes dos textos, conseqüentemente acarretam-se alterações comportamentais nas pessoas. Elas, aos poucos vão se adaptando ao novo suporte, adquirindo novas atitudes e técnicas de leitura.

Moraes e Arena (2012) ratificam que uma das maiores reclamações de quem ainda não se adaptou totalmente ao digital, é o cansaço na região dos olhos ocasionado pelo exercício da leitura diante da tela. Segundo as autoras este problema acontece devido a imagem do monitor do computador ser composta por pequenos quadradinhos denominados “pixels”, e assim os olhos não conseguem manter o foco durante a leitura diretamente em uma tela que projeta luz, pois a mesma gera uma tensão nos músculos dos olhos. Para atingir o objetivo e conseguir seguir os movimentos da tela, a pessoa acaba tendo que forçar a visão para assim poder ver as imagens bem definidas, além



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

disso, o número de piscadas diminui. O normal é que as piscadas ocorram durante o dia para lubrificar os olhos pelas lágrimas, mas com a leitura na tela há uma diminuição na quantidade de piscadas normais. Quando este ritmo é modificado, os olhos ficam ressecados, podendo coçar e causar vermelhidão.

Shaffer (2012) aponta para problemas semelhantes. Para a autora, o olho humano não está treinado para absorver da tela do computador o mesmo tanto que absorve do livro do papel, dessa forma, as pessoas acabam extraindo mais informações ao ler livros físicos. “Quando estamos olhando coisas no computador, na maioria das vezes estamos lidando com material visual ou material pouco denso. Textos narrativos, técnicos e densos requerem um meio mais estático para a boa absorção” (p. 156).

Saffer (2012), concorda conosco quando diz que isso se trata de uma característica evolucionária. Para ela, nós nos habituamos por tanto tempo à leitura em livros físicos, e só agora, recentemente, nosso cérebro e nosso nervo óptico estão começando a lidar com um costume diferente. A readaptação demandará tempo.

Chartier (1999) comenta que o digital traz um desconforto em não poder manuseá-lo, e isso é devido a imaterialidade do texto.

A respeito, Hillesund (2010) em seu estudo, mostra que durante uma leitura reflexiva, as pessoas gostam de manter os dedos entre as páginas, como que segurando uma ideia de páginas atrás, para revisitá-la quando quiserem. Este é um aspecto que caracteriza o texto eletrônico como intangível e volátil, o que faz dele algo desqualificado, pelo menos por enquanto.

No digital, há outros tipos de problemas, os quais tornam-se grandes vilões na hora de apreciar uma leitura que está disponível apenas no dispositivo eletrônico, como o computador, tablet ou smarthphone. A leitura on-line, de resolução imprecisa, luminosidade em excesso e cheia de adornos piscantes, desvirtua a concentração do conteúdo do texto. As diversas opções de ferramentas existentes na tela causam distração. Torna-se difícil centrar apenas no conteúdo do texto quando existe uma



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

variedade de elementos virtuais que podem ser ativados a qualquer momento no momento da leitura (MORAES; ARENA, 2012); (PRETY, 2012).

Como já foi dito, este é mais um processo de transição na sociedade, e como tal, demanda tempo para nos adaptarmos aos novos suportes de leitura. Mas, a tendência é que o digital se aperfeiçoe, conquistando características cada vez mais próximas das que o impresso possui, o conforto e prazer proporcionados pela leitura são algumas delas (PRETY, 2012).

Além desses aperfeiçoamentos, há também outros fatores que precisam ser superados, mas estes devem acontecer em nós mesmos, na nossa postura enquanto leitor. Pois, se essa transição causa modificações nos nossos modos de ler, até aí tudo bem. Mas se existem suposições, e ainda, evidências de que o texto eletrônico atrapalha na concentração e faz absorvermos menos conteúdos do que no texto impresso, então, isso quer dizer que talvez tenhamos que dosar o uso do digital.

4.2 LEITURA DIGITAL E A EDUCAÇÃO

Fazendo uma reflexão sobre tudo isso, podemos conjecturar que se a transição do impresso para o digital elucida cuidados para os leitores já alfabetizados, imagine para aqueles que ainda estão descobrindo a leitura. Com estes, é necessário um cuidado maior, pois fazem parte da geração nativa do digital, logo, encontram-se muito familiarizados com os recursos da informática, e, desse modo, precisam de orientação por parte de seus familiares e professores quanto aos aspectos negativos dos recursos da informática.

Um dos primeiros a chamar a atenção para a qualidade da leitura foi o crítico literário Sven Birkerts, ainda na década de 90. Birkerts percebeu que seus alunos, às voltas com aparelhos eletrônicos, não conseguiam ler um romance com paciência e concentração. É fundamental que as novas gerações educadas no digital sejam capazes de ler bem, ler para imaginar, para refletir e – eis o apogeu da leitura – para pensar seus próprios pensamentos (Petry, 2012, p.155).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Será que o digital está cumprindo o objetivo da boa leitura? O de “pensar os próprios pensamentos”?

A boa leitura é aquela que favorece a imersão e a reflexão. É aquela que convida o leitor a um “silêncio profundo”, característica inerente dos livros impressos. Durante séculos eles foram aperfeiçoados para isso, por meio do tipo de letra, do entrelinhamento, dos espaços em branco, etc (PRETY, 2012).

A leitura digital abre um mundo de possibilidades, mas, ao mesmo tempo, por ser uma leitura fragmentada e bem mais rápida, sugere também muitos desafios aos leitores em geral e, mas especificadamente, aos professores, que possuem o legado de desenvolver em seus alunos o gosto pela leitura.

O professor precisa ensinar que um romance é uma obra que se lentamente, de maneira reflexiva. E que este ato é bastante diferente de pular de uma informação para outra, rapidamente, como é de costume fazermos ao ver notícias em um site (CHARTIER, 2007).

Dessa forma, na sala de aula, a estimulação e o incentivo à prática dos dois tipos de leitura (impresso e digital) faz-se um aspecto relevante.

[...]a pergunta que devemos nos fazer é: o que é um texto? O que é um livro? A tecnologia reforça a possibilidade de acesso ao texto literário, mas também faz com que seja difícil apreender sua totalidade, seu sentido completo. É a mesma superfície (uma tela) que exhibe todos os tipos de texto no mundo eletrônico. É função da escola e dos meios de comunicação manter o conceito do que é uma criação intelectual e valorizar os dois modos de leitura, o digital e o papel. É essencial fazer essa ponte nos dias de hoje (CHARTIER, 2007).

Seria interessante também, ensinar aos alunos, desde a mais tenra idade, a como fazer uma pesquisa. Mostrar quais são os procedimentos de coleta, como trabalhar com as fontes e evidenciar o valor de acessar um material original e não o já previamente digerido, etc. Sobretudo, tentar que o jovem construa uma aprendizagem consolidada na leitura impressa, para só depois render-se à rotina digital (SHAFFER, 2012).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

5 CONCLUSÃO

Como podemos ver, a leitura digital é permeada por vários aspectos, muitos deles negativos, mas não quer dizer que temos que praticar a resistência a ela. Seria um equívoco, pois estamos falando de inovações tecnológicas que surgiram para fazer evoluir a nossa sociedade - da mesma forma de quando a escrita surgiu em tempos que o único tipo de comunicação era a oralidade – tempo de Sócrates e da Grécia antiga.

É certo de que a fragmentação dos conteúdos da internet e a rapidez com que se lê os mesmos provavelmente afeta na formação dos novos leitores, pois nela não há estímulos que façam com que o usuário leia uma obra inteira e compreenda em sua totalidade. Mas cabe às escolas e aos professores, evidenciar que as telas de computador não são os únicos suportes para ler. Contudo, se faz necessário pensar estratégias pedagógicas que visam explorar as potencialidades peculiares dos dois tipos de suporte.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, G. **Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte**. In: PG Letras 30 Anos, 2006, Recife. Anais do PG Letras 30 Anos, 2006.

CHARTIER, R. **A Aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

CHARTIER, R. Os livros resistirão às tecnologias digitais: depoimento. [ago 2007]. Nova Escola. Entrevista concedida a Roger Chartier.

ILLESUND, Terje. Digital reading spaces: **How expert readers handle books, the Web and electronic paper**. First Monday, [S.l.], apr. 2010. ISSN 13960466. Disponível em: <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/2762/2504>. acesso em: 23 abr 2014.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

GABEL, J; WHEELER, C. **A Bíblia como literatura: uma introdução**. São Paulo: Loyola, 1993.

FERNANDA GABRIEL MENDES. Do pergaminho ao texto eletrônico: evolução das tecnologias de leitura e escrita. Disponível em: <http://www.educacaoecomunicacao.org/leituras_na_escola/textos/oficinas/textos_completos/d_o_pergaminho_ao_texto_eletronico.pdf> acesso em: 23 abr. 2014.

MARTINS, W. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2002.

MORAES, L; ARENA, A. **A leitura em suporte impresso e digital: modificações nos modos de ler**. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: didática e práticas de ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade, 2012, Campinas. XVI ENDIPE, 2012. v. 1. p. 1-1.

MORRISON, K. **Estabelecendo o texto: a institucionalização do conhecimento por meio das formas históricas e filosóficas de argumentação**. In: BOTTÉRO, Jean et al. Cultura, pensamento e escrita. São Paulo: Ática, 1995. p. 141-200.

PETRY, A. A revolução do pós papel. *Veja*, São Paulo, n. 51, p. 150-158, 2012.

SHAFFER, R. A revolução do pós papel: depoimento. [19 dez 2012]. São Paulo: *Veja*. Entrevista concedida a Roberta Shaffer.